

Oficina de formação Viver e mudar a escola em conjunto

1º Módulo – 6 e 7 de setembro de 2019

Dia 6 setembro 2019

Apresentação dos e das participantes e aferição de expetativas

Houve uma apresentação das pessoas participantes, feita em duplas. Nesta apresentação para além do nome e da(s) disciplina(s) que leciona, foram partilhadas as expetativas de cada pessoa relativamente à oficina de formação, mais concretamente as razões pelas quais se inscreveram, o que esperam trazer à formação e o que esperam levar.

Nesta partilha surgiram vários tipos de expetativas que agrupámos da seguinte forma:

- Relação, boa disposição, alegria;
- Reflexão, debate;
- Partilha, experiências, práticas, inspiração
- Aprendizagem, aprofundamento, conhecimento
- Mudança, transformação na sociedade e na escola
- Novas ideias, parcerias, participação
- Flexibilidade curricular, UC Cidadania e Desenvolvimento
- Projeto, Ser vivo, ecossistema

- Necessidade enquanto docente

Apresentação do Projeto “Escola, Ser Vivo dentro de um Ecossistema” e do processo formativo

As pessoas que já conheciam o projeto ou que já tivessem estado envolvidas nalguma das suas atividades foram convidadas a partilhar o que sabiam e a sua visão do projeto. Foram partilhados os seguintes pontos de vista sobre o projeto:

- Um projeto que trabalha a partir da prática, da ação, com as “mãos na massa”. É um pouco diferente dos restantes projetos em que existe um espaço formal de relação.
- É um projeto dinâmico com vista a transformar a escola através de processos de participação. Todas as pessoas participam, por vezes sem terem consciência de que entraram no espaço de ação do projeto.

Viver e mudar a escola em conjunto?

Foi proposto ao grupo um exercício pensado a partir do nome da formação. Foram apresentadas três questões iniciais para reflexão individual:

- O que é viver a minha escola?
- O que é mudar a minha escola?
- O que é viver e mudar a escola em conjunto?

Depois de um momento de reflexão individual, as pessoas reuniram-se por grupos, discutiram coletivamente as várias reflexões e registaram os pontos mais significativos dessas reflexões. Deixou-se a apresentação destes registos coletivos para o dia seguinte de forma a conseguir fazer a visita à escola dentro do tempo da formação.

Visita à Escola Secundária José Gomes Ferreira

Uma das professoras de Benfica encarregou-se de conduzir uma visita coletiva a vários espaços da Escola Secundária José Gomes Ferreira. O grupo teve oportunidade de dar um passeio pela escola, conviver entre si e observar alguns dos espaços que, para as professoras de Benfica, são significativos no quotidiano da escola. O grupo passou pela sala de professores, biblioteca, sala de convívio, loja de comércio justo e horta.

Dia 7 setembro 2019

Viver e mudar a escola em conjunto?

No dia seguinte os grupos tiveram oportunidade de partilhar os registos feitos no dia anterior:

Grupo 1

O que é viver a minha escola?

- ser parte integrante de um todo, ao qual me entrego com profissionalismo, seriedade e responsabilidade. Vivê-la é participar nela! Gozá-la! Aproveita-la!
- mais do que um local de trabalho. Contacto humano / diversidade humana. Questionar, como atuar. 1º local que precisa de mudança, local que contribui para a mudança, transformação.
- estar presente em momentos de interação formal / informal e falar sobre as realidades em vez de rotinas.
- viver deveria ser sentir-me parte dela. Pertencer e identificar-me com a escola. No entanto, viver na escola é, as vezes, demasiadas vezes, um conjunto de rotinas, realizadas mecanicamente e de forma acrítica.

O que é mudar a minha escola?

- espaço físico – condições – rentabilizar o jardim / recreio / salas / bar. Espaço de convívio dos alunos, ausência de sala. Humano – participação dos alunos, envolvimento
- Criar momentos de questionamento (como estes) junto dos alunos / profs / outros. Levantamento de interesses e problemáticas
- É a entrega em pleno; o contributo com outras vivências que possam fazer a diferença.
- Mudar. Para melhor, seria tornar a minha representação da escola como algo que me pertence, me identifico e que cumprindo com os meus deveres, participo com motivação e empenho

O que é viver e mudar a escola em conjunto?

- implementar um plano de ação integrando os vários “atores” na escola.
- negociar interesses é fundamental. Reconhecer a escola nas suas interações e territórios para construir uma nova cultura.
- pensar em adquirir um conjunto de ferramentas para contribuir para a mudança.
- é usufruir da partilha com os pares, com toda a comunidade escolar... para um bem comum e objetivo comum: a formação dos nossos alunos. Ter vontade; que a cultura da escola não passe pelo bloqueio de impor.
- ter capacidade de olhar, escutar, gerir agendas (pessoais, institucionais) com vista a provocar a mudança. Ter vontade. Cultura da escola

Síntese do grupo:

1- Viver...

- fazer parte e ser parte
- viver a escola não é só viver os espaços formais, mas também as relações nos espaços formais – Ir além da burocracia
- local de envolvimento e diversidade.
- é contribuir para a formação e mudança.

2- Mudar...

- Interrogação enquanto caminho de mudança: “O que é a minha escola?”
- Apropriar-nos dos espaços, criar identidade e pertença.
- Partilha de vivências.
- Bem estar e convívio e ligação entre os espaços / agentes – é reinventar.

3- Viver e mudar em conjunto...

- Arranjar agendas conjuntas.
- Conhecermo-nos.
- Haver vontade para mudar mas respeito por quem não quer mudar, por não ser o momento.
- Promover o dialogo e “partilhar sementes”
- Encontrar “aliados” para uma sã negociação.

Grupo 2

O que é viver a minha escola?

- É participar no seu quotidiano de forma comprometida. É sofrer com os problemas que ela nos põe / coloca...
- É aprender diariamente com os colegas, alunos, encarregados de educação, auxiliares (comunidade educativa). É adaptar-me a essa comunidade escolar (a essa realidade).
- Não é dar apenas as minhas aulas. É participar em iniciativas. É dinamizar iniciativas.
- É encontrar um espírito de identidade no conjunto de pontos de vista e opiniões diversas.
- Estar sem “relógio”. É mergulhar nas diversas atividades, não só para me sentir viva, mas para estar num processo dinâmico contínuo.

O que é mudar a minha escola?

- É melhorar. É adaptar. É inovar. É simplificar.
- É ter a capacidade de fazer transformações efetivas nos aspetos que nos desagradam.

- Mudar a minha escola pode não ser assim tão fácil, pois implica um esforço coletivo, embora o indivíduo possa fazer a diferença, na medida em que pode contagiar outros...
- É transformar a escola através da implementação de projetos e atividades em conjunto com a comunidade escolar.
- É estabelecer um leque de ações criativas nos espaços, zonas ou tempos favoráveis a mudança.

O que é viver e mudar a escola em conjunto?

- É participar em iniciativas. É planear em conjunto. É ser solidário. É motivar os alunos e colegas.
- É intervir de forma a atingir os objetivos a que me propus: melhorar / mudar / operacionalizar novas formas de estar, de fazer, evoluir, avançar.
- ...em conjunto seria o ideal. Essa vivência e mudança seriam mais transformadoras e saudáveis, porque envolvem outros, mobilizando-os.
- É trabalhar em conjunto com a comunidade escolar ao melhorar aspetos menos positivos da escola.
- É associar e articular papéis sociais diferentes em torno de valores e projetos comuns.

Síntese do grupo:

Viver e mudar a escola é:

- dinamizar
- participar
- encontrar um espírito de identidade
- adaptarmo-nos
- trabalhar em conjunto
- melhorar
- aceitar desafios
- experimentar

- articular
- operacionalizar
- planificar
- evoluir
- avançar
- motivar
- contagiar
- mobilizar

(o grupo justificou a opção por palavras chaves baseadas em verbos com a vontade de focar a premência da ação)

Grupo 3

O que é viver a minha escola?

- É identificar-me com os espaços e as pessoas, tornando-a melhor todos os dias
- É fazer coisas que agradam, que nos deixam cansados mas satisfeitos.
- A minha escola é um espaço colorido e vivo, mas por vezes perde brilho e vivo-o apenas no meu espaço, naquilo que é confortável. É sentir que faço a diferença, é estar em tudo o que faço, e simplesmente gostar de estar na minha escola.

O que é mudar a minha escola?

- Mudar mentalidades, atitudes. É procurar-se, é construir uma nova realidade.
- É perceber o que não está bem e pensar no que se pode fazer para a melhorar e fazer propostas nesse sentido.
- Alterar práticas desajustadas das pessoas que aí vivem. É tornar num espaço para o crescimento / uma valorização pessoal e social com respeito pelos valores de (?)
- Mudar a minha escola é deixar de estar confortável.

O que é viver e mudar a escola em conjunto?

- É um projeto de vida (da escola) em conjunto com todos os elementos- É ter um projeto de vida (da escola) em conjunto com todos os elementos da comunidade educativa e intervenientes da área de influência do espaço escolar.
- É aprender a não reclamar apenas, é aceitar que existem falhas e que com o trabalho conjunto elas podem ser colmatadas.
- Processo em constante construção e reestruturação ajustando as novas realidades.
- É um processo de co-construção. Implica aceitar mudar de papel.
- É possibilitar que a escola fique realmente sempre “brilhante”, ou seja todos os agentes atuam.

Síntese do grupo:

Viver...

- Sentir-se bem: diversidade, reciprocidade. Identificar-se com a escola (o lugar, as pessoas)
- É construir, melhorar
- É produzir sentido, satisfação
- É viver também angústias e supera-las

Mudar...

- É sair da zona de conforto.
- Alterar práticas, identificar problemas.
- Criar condições para o crescimento e a valorização social e pessoal.
- Aceitar o conflito saudável

Viver e mudar em conjunto...

- Cultura de dialogo entre todos os atores da escola
- Ter um projeto de vida para a escola com base em toda a comunidade escolar.
- Ter em conta as relações de poder e a partilha do poder

- Fazer mais, ser mais ativo, pro-ativo.

Na sequência das apresentações dos três grupos, seguiu-se um debate que abordou os pontos seguintes:

- a minha escola, o que que é? Pode ser o local específico onde trabalho, mas também a minha visão da escola, que levo comigo de estabelecimento em estabelecimento.
- Todos os contributos foram feitos a partir da relação atual com a escola e num contexto profissional. No entanto, a nossa escola, é também a escola que frequentamos enquanto estudante, que contribuiu para fazer o que hoje somos. A nossa escola é também a escola com a qual podemos nos confrontar no nosso papel de encarregados/as de educação, que induz um relacionamento diferente.
- Falou-se longamente dos fenómenos de resistência a mudança na escola, sob vários ângulos:
 - A inercia da instituição “escola”, vista como pouco propensa a mudança. Da necessidade de adapta-la as novas realidades, necessidades. Notou-se que frequentemente pensamos em função de relações de produção ou de mercado, e que pode haver uma tendência a querer responder a “procura”. Neste sentido, a escola poderia também ser uma resistência as lógicas imediatistas (exemplo de manter a relação com o suporte papel e escrito como espaço de resistência ao monopólio dos ecrãs...).
 - A resistência dos/as professores /as, ligada a sobrecarga, ou a desmotivação. Notou-se que se devia respeitar quem não quer mudar, sem que isto impeça iniciativas de mudança.
 - A resistência das famílias, que medem o sucesso pelas notas e medias e se preocupam com a empregabilidade.
 - A resistência dos/as alunos/as à novas abordagens ou a iniciativas que “não dão notas ou não contam para a média). Acrescentou-se que o facto de a instituição só valorizar as notas, o *ranking* e a média pode explicar esta atitude e que seria interessante valorizar outras posturas, competências, como via de tornar a escola como um todo mais rica.
 - Questionou-se então a finalidade da escola, criar “empregáveis” ou ser um espaço de exploração, de prazer nas aprendizagens...
- A instabilidade do corpo docente foi também vista como um travão para a mudança, sendo difícil criar cumplicidades, lançar dinâmicas, mobilizar e enraizar mudanças com uma mobilidade acentuados dos/as professores/as.

- De modo geral, a mudança é vista como urgente, e o coletivo é visto como fundamental para alcançá-la. A criação de espaços em que se podem dedicar tempo para pensar de maneira mais profunda a mudança é julgada importante.

A Educação para o Desenvolvimento/Educação para a Cidadania Global e a Investigação-Ação

Para apoiar a contextualização da proposta de base para a oficina de formação e para os trabalhos dos vários grupos, houve um espaço de exposição sobre as visões das duas instituições promotoras (CIDAC e FGS) da Educação para o Desenvolvimento/Educação para a Cidadania Global (ED/ECG) e do processo de investigação-ação.

Educação para o Desenvolvimento/Educação para a Cidadania Global

A Educação para a Cidadania Global (ECG) é a face pedagógica do processo de construção de uma Cidadania Global crítica, assente na procura sistemática de coerência entre valores e propostas, objetivos e estratégias, discursos e práticas. Tem como fim a formação de cidadãos e cidadãs comprometidos, apresentando-se como um caminho para a construção de sociedades mais justas, equitativas, solidárias e democráticas, num planeta sustentável.

A ECG não tem temas que lhe sejam específicos. O que a distingue é a forma como permite olhar a realidade, interrelacionando “problemas” com as suas várias componentes (social, económica, política, ambiental, etc.), com o objetivo de olhar e analisar em profundidade e de forma não segmentada a realidade.

Foco

- Proposta ética – justiça social, solidariedade, valorização da diversidade, equidade
- Visão estrutural – olhar com profundidade para a causa dos problemas
- Visão global – promove o entendimento do mundo globalizado e das interdependências e interligações entre o Local e o Global
- Reflexão crítica – desenvolve competências de (auto) reflexão crítica
- Reflexão que conduz à ação – apoia o envolvimento ativo das pessoas e coletivos em processos de transformação social

Abordagem Metodológica

- Desenvolvimento integrado de competências
- Experiência como fator de aprendizagem
- Atitude crítica e reflexiva sobre a própria experiência
- Participação ativa e voluntária
- Construção coletiva e cooperativa do conhecimento e da ação
- Horizontalidade na relevância das contribuições

Esta abordagem metodológica propõe um processo de coerência entre as finalidades pretendidas (conteúdo) e os meios usados para as alcançar (forma).

O CIDAC e a FGS em conjunto com educadores e educadoras, através do projeto Desafios Globais: Reforçar a Educação para a Cidadania Global nas escolas (2015-2018), levaram a cabo uma reflexão sobre iniciativas de Educação para a Cidadania Global em meio escolar (estudo exploratório) onde são propostos um conjunto de critérios essenciais que devem estar presentes quando se fala de iniciativas de ED/ECG em meio escolar. Apresentaram-se na oficina para apoiar a reflexão sobre os trabalhos a serem desenvolvidos pelos/as participantes na formação:

- a presença de um conjunto de valores éticos ligados à justiça social, solidariedade e equidade;
- a promoção consciente e intencional do pensamento crítico;
- a inter-relação de temas;
- o foco nas causas estruturais dos problemas analisados;
- a análise das relações e interdependências entre o global e o local;
- a motivação para a ação focada na transformação social;
- a promoção do trabalho colaborativo entre todos os/as aprendentes

Investigação-ação

Na investigação-ação, visa-se transformar a realidade e produzir conhecimento sobre esta transformação. Pressupõe que avanços teóricos podem acontecer ao mesmo tempo que as mudanças sociais. Na investigação-ação, o/a investigador/a não são externos ao processo ou ao campo da investigação, mas fazem parte dele

Esta abordagem da realidade quebra o estatuto de “neutralidade” do/a investigador/a. Não considera os atores envolvidos como um “depósito de informações”, passivos e incapazes de analisar a sua própria situação e atuar sobre ela. Opõe-se a monopolização só saber pelos “especialistas”, os “peritos”, os “consultores”

As etapas principais:

1- Problematizar

- o problema identificado é o objeto da investigação e relaciona-se com uma mudança desejada
- O problema deve focar um campo sobre o qual é possível atuar.
- não parte de uma teoria ou de uma hipótese prévia, mas responde a uma necessidade oriunda da prática social

2- Conhecer – conceção de um plano de ação

- através de entrevista, observação, estudo de caso, arquivos (ter em conta o passado também...), questionários...
- os registos podem assumir muitas formas – apontamentos, diário, fotografias, vídeo, atas de reunião e encontros...
- com base no trabalho de pesquisa, de diagnóstico, elaborar linhas de intervenção que incidam sobre o problema inicialmente identificado.

3- Realização da ação

- o plano de ação não é rígido, o desenrolar da ação pode (ou deve) retro-alimentá-lo.
- para isso, é importante a coleta de dados sobre a ação em curso.

4- avaliação

- envolve todos os/as intervenientes
- que mudança observamos?
- que efeitos teve esta mudança?
- o que que aprendemos?
- estas mudanças e os seus efeitos devem induzir uma alteração das nossas práticas...

5- Restituição, comunicação/partilha do processo e das conclusões

- ter outros olhares sobre o processo
- partilhar conhecimentos
- contribuir para mudanças maiores...

Visita ao CIDAC

Depois de almoço, houve espaço para uma visita às instalações do CIDAC. Foi um momento em que houve espaço para conhecer os vários espaços (loja, centro de recursos, espaço de projetos), a história do CIDAC e as atividades que estão a ser dinamizadas.

O(s) espaço(s) como parte integrante dos processos de ED/ECG e de transformação social

À chegada, os/as participantes encontraram a sala organizada como uma sala de aula ou de formação convencional. Não se estranhou abertamente esta disposição e todos e todas se sentaram em função desta disposição. A apresentação dos trabalhos da véspera sofreu um pouco, de um ponto de vista prático, desta organização, e ao longo do debate, o grupo colocou-se pouco a pouco, em pé, num círculo perfeito.

De modo a respeitar os tempos do programa, deu-se mais tempo para a conclusão e o debate da parte dedicada a “minha escola”, e encurtou-se o tempo dedicado a esta dinâmica. Antes da pausa justa, perguntou-se ao grupo: “não acharam nada estranho ao entrar na sala?”. Quando alguns participantes arriscaram-se a evocar a disposição da sala, reuniram logo um consenso global sobre esta questão. Todos/as tinham notado a diferença com a sessão da véspera.

A reflexão a volta da configuração da sala permitiu levantar questões como:

- as relações de poder induzidas
- a não-partilha do olhar dos outros nas intervenções
- a menor sensação de grupo
- uma certa forma de desresponsabilização quando se está mais atrás, mais conversas, barulho...

Insistimos sobre a relação de coerência entre forma e conteúdo mas não se teve tempo para abordar a questão da transposição desta problemática na sala de aula, na relação com os/as alunos/as. Poderá ser muito importante e interessante manter este debate para as próximas sessões, em contexto de debate sobre as problemáticas trabalhadas e os processos de mudança.

Problematizar e Conhecer para Mudar a Escola em conjunto

Após uma reflexão individual baseada no conjunto dos contributos e debates tidos ao longo dos dois dias, os participantes indicaram numa cartolina problemas que lhes parecem prementes. Após esta reflexão, colaram os papeis na parede e os problemas, preocupações, centros de interesse dos/as participantes foram agrupados por temática. Destes “blocos” poderão nascer várias problemáticas. Não haverá necessariamente sobreposição entre temáticas e grupos constituídos. Os/as participantes agruparam-se a volta das grandes temáticas para aprofundar a sua reflexão mas o trabalho de constituição do grupos de pesquisa ainda tem que ser feitos. De se notar que já houve uma separação entre agrupamentos e que os trabalhos serão realizados, no estado atual do processo, por professores/as nos seus respetivos estabelecimentos.

Espaço físico da escola / convívio:

- espaço de convívio e de lazer para os alunos
- espaço dos alunos na escola, que espaço têm eles? Um espaço digno? Motivador para?!
- espaço físico pouco convidativo (agradável, jardim) mas degradado, salas, bar
- espaço lúdico para os alunos utilizarem nos intervalos

- urge espaço de convívio para os alunos ou melhor aproveitamento do espaço existente, nomeadamente ao nível dos intervalos ou tempo livre. Os discentes são “obrigados” a estar sempre no espaço “rua” quando a escola é também um espaço de “acolhimento”.
- falta de espaço para os alunos estarem nos tempos livres (intervalos)
- falta de espaço fora da sala de aula para dinamizar atividades
- ausência de espaços / momentos de convívio onde se possam sentir confortáveis e seguros. Como e onde criar um espaço de acolhimento, encontro e bem-estar para os alunos?

Participação de estudantes:

- Seleção de uma problemática que leve os alunos a sentirem-se responsáveis pela procura de soluções. Implicação dos alunos / nova atitude. Os conteúdos ao exercício da cidadania, que atividade-ação!
- espaços de participação efetivos nas políticas de decisão da escola. Reflexão, ação.
- como podem as bibliotecas escolares corresponder a uma articulação com os professores e alunos para concretizar o projeto de ED ou ECG? Tarefas? Atividades? Documentos escritos? Audiovisuais? Eletrónicos?
- Os/as jovens não se envolvem na vida mais global da sua escola
- os alunos revelam pouco espírito crítico e pouca vontade de participar no que é proposto.
- A falta de envolvimento dos alunos nas atividades extra-curriculares
- mudança e melhoria de atitude – tirar o foco do curricular e do recetor passivo – articular com a consciência crítica.
- pouca mobilização / vontade de participar nas atividades / pouco envolvimento / trabalho conjunto com docentes fora do espaço da sala de aula.

Sentimento de pertença / comunidade:

- ter uma escola mais limpa (dinamizar projeto que promova ações de sensibilização e recolha de lixo)
- espaço de encontro, de divulgação, de criação, de criatividade dos alunos e professores.
- espaço dos alunos na escolares
- apropriação do conceito “a minha escola”. Criar atividades de identificação com a escola
- valorizar o espaço envolvente aos blocos como território de inclusão e de transição entre os espaços letivos e não letivos.
- reduzir a invisibilidade das ações e do uso dos espaços / grupos no interior da escola. Como podemos melhorar a partilha e difusão de informação no interior da comunidade.
- ligação entre espaços da escola. Algum desligamento, desconhecimento do que se passa na escola.

- noção de que os alunos/as não sentem a escola como um espaço seu.

Alimentação:

- Alimentação na escola! Em suma, a vida dos alunos na escola.
- melhorar a alimentação na escola.

Horta / Estufa:

- reaproveitar a horta da escola (comercializar / aproveitar os produtos produzidos na horta)
- teria interesse organizar uma ficha-tipo para inventariar as plantas / espécies existentes bem como árvores? Objetivo uma exposição?
- horta / estufa – relação mais próxima com... os que habitam o mesmo espaço (aceitamos o mundo / o espaço tal como ele é, sem nos darmos conta que nós é que somos os agentes da mudança...). Por isso irá mudar!
- desenvolvimento das hortas urbanas na escola.

Currículo:

- falta um horário fixo / espaço fixo e a tempo inteiro para apoio e esclarecimento de dúvidas – um espaço sempre disponível e interdisciplinar (equilíbrios entre diferentes disciplinas).
- a faixa etária dos alunos 5º, 6º e 7º pode considerar-se um grupo alvo para abordar questões de ED/ECG?
- absentismo / atraso dos alunos sistemático.
- diminuição dos tempos letivos.
- diminuição da carga horária.

Inclusão / integração de estudantes:

- a crescente maternidade em adolescentes e o pouco apoio dado pela escola.
- integração / divulgação das culturas migrantes